



**FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA**

ANA CATARINA RIBEIRO MOTA

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO, DESENVOLVIDO NA ESCOLA DO 2º
E 3º CICLOS DO ENSINO BÁSICO, INFANTE D. PEDRO- BUARCOS, JUNTO DA
TURMA DO 8º B, NO ANO LETIVO DE 2011/2012**

**COIMBRA
2012**

ANA CATARINA RIBEIRO MOTA
2007020604

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO, DESENVOLVIDO NA ESCOLA DO 2º
E 3º CICLOS DO ENSINO BÁSICO, INFANTE D. PEDRO- BUARCOS, JUNTO DA
TURMA DO 8º B, NO ANO LETIVO DE 2011/2012**

Relatório Final de Estágio, apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, para a obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário.

Supervisor: Professor Doutor Luís Rama
Orientador: Professor Joaquim Parracho

COIMBRA
2012

Mota, A.C.R. (2012). *RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO, DESENVOLVIDO NA ESCOLA DO 2º E 3º CICLOS DO ENSINO BÁSICO, INFANTE D. PEDRO-BUARCOS, JUNTO DA TURMA DO 8º B, NO ANO LETIVO DE 2011/2012.* Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

AGRADECIMENTOS

É desta forma que manifesto a minha profunda gratidão a todos os que, de uma maneira direta ou indireta, me ajudaram ao longo deste ano de estágio.

A todos o meu muito obrigado.

Ao Orientador da FCDEF-UC, Professor Doutor Luís Rama, por ter estado sempre disponível para me auxiliar no que fosse necessário ao longo do Estágio Pedagógico.

Ao Orientador na escola, Professor Joaquim Parracho, pela sua colaboração constante e incansável, pelas ideias e correções técnicas por ele transmitidas e por me ter apoiado ao longo desta etapa da minha vida, ensinando-me.

À Professora Doutora Teresa Moura, pela sua enorme dedicação, total disponibilidade e simpatia com que sempre me recebeu, pelas suas sugestões sempre pertinentes, pelos seus ensinamentos e pelo seu incondicional apoio durante este período.

Ao Professor Carlos Furtado, pela sua disponibilidade e apoio no que concerne à entrada no Curso, bem como, aos conhecimentos por ele transmitido que me permitiram concluir o mesmo.

Aos meus pais, por todo o apoio prestado estes anos e por nunca terem deixado de acreditar em mim.

Ao Diretor da Escola do 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico, Infante D. Pedro – Buarcos, por todo o apoio e disponibilidade prestados.

E por fim, aos meus colegas do núcleo de estágio por todo o apoio e camaradagem prestados ao longo deste árduo ano letivo.

RESUMO

Agora que terminou o ano, sinto que o estágio pedagógico foi, para mim, o culminar de mais uma etapa na minha vida. Este foi repleto de experiências e conhecimentos valiosos, a nível pessoal e profissional. Ao longo deste relatório irei tentar abordar, de uma forma reflexiva, tudo o que foi por mim aprendido durante este estágio e ainda irá fazer parte deste relatório, uma abordagem de um tema/problema, de acordo com o estágio. No que diz respeito à primeira dimensão: atividades de ensino-aprendizagem, farei por expor todos os pontos referentes à mesma, sendo estes: o planeamento (plano anual; blocos de matérias/unidades didáticas e planos de aula), a realização que contem a parte da intervenção pedagógica e decisões de ajustamento e ainda a avaliação das aprendizagens. No que diz respeito à segunda dimensão: atitude ético-profissional, esta aparece como uma dimensão paralela à intervenção pedagógica, pelo que, tem uma enorme importância no desenvolvimento do futuro docente. Tratando-se de compromissos a assumir pelo estagiário e que vão de encontro com diversos pontos como: pontualidade, assiduidade, aprendizagens, entre outros. Tal como foi proposto, irei abordar no final deste relatório um tema/problema que se enquadre nos domínios de intervenção da Educação Física escolar - da didática, do currículo, da avaliação ou da ética e profissionalismo. O tema que escolhi tem a ver com a didática de ginástica. A escolha do tema, adveio, da minha preocupação, ao ver, através da avaliação diagnóstica, a enorme dificuldade dos alunos da turma, B, do 8º ano, perante a ginástica, tendo sido esta abordada nos anos anteriores. Espero que este relatório, ao focar as dificuldades e aprendizagens, vividas por mim, possa despertar para a realidade que encontramos no estágio.

Palavras-chave

Estágio Pedagógico. Educação Física. Unidade Didática Ginástica. Reflexão Pedagógica

ABSTRACT

Now that the year has come to an end, I feel that the teaching practice was the culmination of an important stage in my life. This practice has provided me with valuable knowledge and experiences, both personally and professionally. Throughout this report, I will try to address in a reflective way all that I have learned during this period. In addition to addressing the handling of an issue / problem in conformity with such supervised practicum. On the subject of the first component: the teaching-learning activities, I will address all its points, namely: planning (annual plan; subject blocks / teaching units and lesson plans); and implementation, which contains part of the educational involvement, adjustment decisions as well as learning assessment. With regard to the second component: ethical and professional attitude, this appears parallel to the educational involvement. Therefore, it is of great importance in the development of future teachers as in the case of commitments to be made by the trainee such as punctuality, attendance, learning, among others. As proposed, I will address at the end of this report an issue / problem that falls within the area of physical education at school - teaching, curriculum, assessment, or ethics and professionalism. The theme I have chosen is relevant to the teaching of gymnastics. The choice of theme, stemmed from my concern to see through the diagnostic evaluation, the enormous difficulty of students of my class, B, 8th grade, before the gym, having been raised in previous years. I hope that this report, by focusing on the involvement and knowledge acquisition I have experienced, can provide a glimpse of the reality we find during the practicum.

Keywords

Supervised Practicum. Physical Education. Gymnastics Curriculum Unit. Pedagogical Reflection.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	IV
RESUMO	V
ABSTRACT	VI
1- Introdução	4
2- Enquadramento biográfico	5
2.1- Autobiografia.....	5
2.2- Expetativas Iniciais.....	6
3- Contextualização da prática desenvolvida	7
3.1- Enquadramento da prática	7
3.1.1- Caracterização da escola e do meio	7
3.1.2- Caracterização do grupo de Educação Física	7
3.1.3- Instalações Desportivas.....	9
3.1.4- Caracterização da turma 8º B	9
3.2- Descrição das atividades desenvolvidas	10
3.2.1- Planeamento.....	10
3.2.1.1- Plano anual.....	10
3.2.1.2 - Unidade Didática.....	11
3.2.1.3- Plano de aula.....	12
4 - Atitude ético-profissional.....	12
5- Análise reflexiva da atividade desenvolvida	13
5.1 – Intervenção Pedagógica	14
5.1.1- Instrução Inicial.....	14
5.1.2- Feedback.....	14
5.1.3- Demonstração	15
5.1.4- Gestão	16
5.1.5- Clima.....	17
5.1.6- Disciplina.....	17
5.1.7- Indisciplina	19
5.2- Avaliação.....	21
6- Participação em atividades com Unidade de Apoio Especializado para a Educação de Alunos com Perturbação do Espectro do Autismo (UEEA).....	23
6.1- Integração destas crianças em turmas regulares	23

6.2- Educação física específica	24
7- Aprofundamento do tema/problema	26
7.1- Introdução ao tema	26
7.2- Contextualização do tema/problema	26
7.2.1- Avaliação Diagnóstica.....	26
7.2.2- Descrição do problema	27
7.3- Opções Estratégicas	28
7.3.1- Metodologia de organização	28
7.3.2- “Ajuda Pedagógica”	29
7.3.3- Aquecimento	30
7.3.4- Flexibilidade	31
7.4- Alterações e/ou resultados obtidos.....	32
8- Conclusão	34
9- Bibliografia	36

Teor do Compromisso de Originalidade do Documento

Ana Catarina Ribeiro Mota, nº 2007020604 do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da FCDEF - UC, venho declarar por minha honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original da minha autoria, não se inscrevendo, por isso, no definido na alínea s do artigo 3º do Regulamento Pedagógico da FCDEF.

1- Introdução

O seguinte relatório, encontra-se inserido no âmbito do Estágio Pedagógico do ciclo de estudos conducente ao grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Ciências de Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra (FCDEF-UC), que aconteceu na Escola dos 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico, Infante D. Pedro – Buarcos, de setembro 2011 a junho 2012.

Este pretende dar-nos conhecimento, sobre uma experiência no âmbito do cargo de professor de Educação Física, bem como preparar-nos para um futuro próximo.

Na primeira reunião do núcleo de estágio, foi tirada à sorte a turma com que iríamos ficar. O 8ºB foi a turma que me foi atribuída. De início soube que era complicada e que tinha muitos casos de alunos problemáticos, resumo feito pela diretora de turma na reunião de apresentação da turma aos professores.

O relatório tem como principal objetivo dar a conhecer todo o trabalho realizado por mim ao longo deste tempo letivo e ainda demonstrar a minha capacidade reflexiva com base no que foi feito até então.

Segundo Lima (1989) "os futuros profissionais de Educação Física têm no Estágio a última oportunidade para se aperceberem das diferenças que separam a sua preparação teórica e a sua preparação prática, bem como das lacunas que ainda têm que preencher para enfrentar, sem problemas, as situações técnico-pedagógicas do ensino-aprendizagem."

Ainda concordando com o autor citado, assumo que, só agora pude comprovar o verdadeiro intuito dos conhecimentos teóricos aprendidos até então. Estes foram aprendidos ao longo do meu percurso académico, tendo sido aplicados, neste estágio, na prática.

Neste relatório irei abordar, de uma forma reflexiva, tudo o que foi por mim aprendido durante o estágio. No que diz respeito à primeira dimensão: atividades de ensino-aprendizagem, farei por expor todos os pontos referentes à mesma, sendo estes: o planeamento (plano anual; blocos de matérias/unidades didáticas e planos de aula), a realização que contem a parte da intervenção pedagógica e decisões de ajustamento e ainda a avaliação das aprendizagens. Relativamente à segunda dimensão: atitude ético-profissional, esta aparece como uma dimensão paralela à

intervenção pedagógica, pelo que, tem uma enorme importância no desenvolvimento do futuro docente.

Por fim, irei ainda abordar um tema/problema, de acordo com o trabalho desenvolvido ao longo do estágio, sendo este.

2- Enquadramento biográfico

2.1- Autobiografia

No presente capítulo será efetuada uma pequena descrição do meu percurso escolar, desportivo e pessoal desde que nasci até aos dias de hoje.

Eu, Ana Catarina Ribeiro Mota, nasci no dia 23 de Fevereiro de 1989, na Figueira da Foz. No início do meu percurso escolar, a minha alcunha era “palito elétrico”, pois não parava um segundo e corria demasiado rápido. A partir daí rapidamente me começaram a chamar de Mota, o meu apelido.

Desde cedo enverguei pelo desporto e foi na natação que cresci, aprendi e vivi desde os meus cinco anos de idade. Nadei durante nove anos mas também cheguei a praticar outros desportos como o atletismo (por ter ficado em terceiro lugar na minha terra e por ser alta). Quanto à escola não é difícil adivinhar a disciplina que mais gostava, Educação Física, mas sempre me dei bem com as restantes.

Ao longo destes anos aprendi alguns dos valores a ter na vida como, saber ganhar, saber perder, ajudar o outro, respeitar as pessoas, conviver, lutar pelos meus objetivos e o mais importante de todos a nunca desistir de um sonho.

Desde que me lembro que gosto de atividade física e principalmente de ajudar as pessoas e de ensinar, daí a minha decisão em seguir Desporto.

Como já disse o curso que acabei por tirar teve a ver com o meu sonho de ensinar a nadar, mas cedo me apercebi que não era só isso que eu queria, mas sim ser Professora de Educação Física, função esta, de muita responsabilidade e a qual eu admirava bastante, não só por ter tido um percurso longo de natação, convivendo com todos os treinadores que eram igualmente professores de educação física, mas

também pelo facto de ter tido excelentes professores na primária, básico e secundário que por bons motivos me marcaram para a vida.

2.2- Expetativas Iniciais

No plano de formação inicial foram abordas as minhas expectativas iniciais relativamente ao estágio, bem como outras temáticas.

Tendo exercido a função de professora nas atividades extra curriculares nas escolas primárias e de natação, tenho alguma experiencia no que concerne a crianças de idades compreendidas entre os 3 e os 9, 10 anos.

Este estágio pretende preparar-nos para alunos com uma idade superior. Visto isto, sei que à partida irá ser mais fácil a parte da obediência e respeito pelo docente, mas mais complexa a parte do ensino, pois com esta idade os alunos apresentam-se mais exigentes.

As minhas expectativas referentes a este ano são: continuar a desenvolver capacidades e habilidades de ensino, na parte da realização da aula em si, obter novos métodos para lidar com a desobediência, indisciplina e mau comportamento dos alunos e saber a base que deve conter um plano de aula para alunos deste escalão etário, deixando de programar a mais.

No que diz respeito à avaliação pretendo aprender a desenvolver da melhor forma possível este parâmetro, permitindo um maior aproveitamento da aula e das capacidades dos alunos.

Com as reuniões e conversas tanto com os meus colegas do núcleo como com o orientador espero poder partilhar ideias, experiências, observar e aprender o máximo possível.

Por fim, e deparando-me com uma realidade nova para mim, pretendo tirar o maior proveito tanto dos meus colegas do núcleo, como do nosso Orientador, dos restantes professores e funcionários da escola. Tendo em vista o alargamento dos meus conhecimentos e a experiencia nesta atividade.

3- Contextualização da prática desenvolvida

3.1- Enquadramento da prática

3.1.1- Caracterização da escola e do meio

A escola onde fui inserida para estagiar foi a Escola Básica do 2º e 3º Ciclos Infante D. Pedro, que abriu no ano letivo de 1995/1996 com cerca de 200 alunos.

Esta fica situada na freguesia de Buarcos, Rua do Rio de Cima, próxima da Avenida Infante D. Pedro (marginal da zona de Buarcos) e da zona costeira.

No presente ano letivo, o corpo docente é constituído por um total de 55 professores mais 3 professores estagiários, contando ainda com 25 funcionários nos serviços administrativos e serviços auxiliares de ação educativa.

No que diz respeito ao número de alunos, a escola conta com 399 alunos, no presente ano.

A Escola Básica do 2º e 3º Ciclos Infante D. Pedro, é sede do Agrupamento de Escolas de Buarcos, homologado em Junho de 2003. Neste, começaram por integrar nove escolas do 1º ciclo e três Jardins de Infância.

Atualmente o Agrupamento de Escolas de Buarcos é composto por três escolas do ensino Pré-escolar, oito escolas do 1ºciclo e uma escola do 2º e 3º ciclos do Ensino Básico, pertencentes à rede pública de ensino das freguesias de Buarcos, Vila Verde, Quiaios e Tavarede do concelho de Figueira da Foz.

O Infante D. Pedro é um símbolo e uma referência da história portuguesa, é filho de D. João I e de D. Filipa de Lencastre, D. Pedro foi duque de Coimbra, senhor de Montemor-o-Velho, Aveiro, Mira, Buarcos, entre outras localidades.

3.1.2- Caracterização do grupo de Educação Física

O grupo de Educação física desta escola é constituído por quatro elementos, dois do género feminino e dois do género masculino. Todos os elementos do grupo de Educação Física fazem parte do quadro da escola e por esse motivo têm uma enorme experiência, sabedoria e anos de serviço.

No que diz respeito à disciplina a distribuição das modalidades por anos, a primeira avaliação diagnóstica que se realiza no início do ano letivo (testes de FitnessGram, flexibilidade e velocidade), os critérios de avaliação e o mapa de rotação de espaços, são definidas em reunião de departamento, e são posteriormente aprovadas em conselho pedagógico. Ou seja, o grupo disciplinar, com base no programa nacional de educação física, adaptou o currículo dos alunos da escola, em função da concreta realidade do ensino.

Segundo Marques et al. (1997), “o planeamento não é só um exercício de adivinhação, mas sim uma reflexão previsional, que pode tornar possível o processo de interpretação dos programas, o processo de descoberta de relações essenciais entre objetivos, conteúdos e métodos, na tentativa de alcançar as metas definidas.”.

Por este motivo, a justificação do currículo advém da análise do contexto social, cultural e educativo em que estão inseridos e ainda pretende dar resposta a fatores condicionantes e às necessidades educativas a satisfazer.

O 8º ano é considerado como o ponto intermédio entre o 2º ciclo e o 3º ciclo. Assim, desenha-se um bloco estratégico, do 5.º ao 9.º anos. É neste bloco que se estabelece o tratamento das matérias na sua forma característica, na sequência das atividades e conquistas realizadas no 1.º ciclo. Além disso, é aqui que se garante o tratamento do conjunto de matérias que constituem a “extensão da Educação Física”, antecipando o modelo flexível, de opções dos alunos ou turmas, preconizado para o ensino secundário.

- Imposição da rotatividade dos espaços e pelas características dos mesmos.
- Os objetivos gerais selecionados pelo Departamento, presentes no projeto educativo da disciplina de Educação Física;
- O estado de desenvolvimento inicial dos alunos;
- O nível de pré-requisitos apresentado pelos mesmos (avaliado na avaliação diagnóstica e prognóstica realizada no início do ano);
- Os recursos materiais e espaciais disponíveis;
- As especificidades das modalidades a lecionar.

3.1.3- Instalações Desportivas

A escola conta com um Pavilhão Gimnodesportivo que está destinado às aulas de Educação Física e possui: um gabinete para professores e funcionários com casa de banho, um balneário feminino, um balneário masculino, uma arrecadação para material desportivo, uma arrecadação para material de limpeza e ainda dois espaços para a prática desportiva: um espaço, que é destinado às modalidades de Basquetebol, Badmington, Voleibol, Futebol, Andebol e Patinagem e outro espaço, que é destinado às modalidades de Badmington, Patinagem, Atletismo e Ginástica. O seu espaço exterior destina-se às modalidades de Andebol, Futebol, Atletismo, Basquetebol e Voleibol. Este espaço é constituído por: uma pista de atletismo, um recinto multifunções, uma caixa de areia com respetiva pista, um campo de terra batida, uma arrecadação e ainda dois balneários feminino e masculino.

3.1.4- Caracterização da turma 8º B

O 8º B é uma turma constituída por 22 alunos (14 rapazes e 8 raparigas). Nesta, a média de idades é de 13 anos, havendo alunos com 15,14, 13 e 12 anos.

No início estavam inscritos na mesma três alunos repetentes, mas um anulou a matrícula. A turma conta ainda com um aluno estrangeiro.

Quanto à área de residência dos alunos estes vivem: sete em Buarcos, nove em Vila Verde, um aluno em Lares, quatro em Tavadede, um na Serra da Boa Viagem, um na Figueira da Foz e ainda um aluno em Eiras.

Na primeira reunião de apresentação da turma aos professores foram identificados oito alunos com comportamento problemático demonstrado no ano anterior e dois alunos que, por virem de transferência nada se sabia sobre o seu comportamento, mas suspeitava-se que pelo menos um pertence-se ao mesmo grupo.

Segundo o questionário inicial, esta turma possui gosto pela disciplina de educação física, pelo que não tive grande dificuldade em motivá-los para a mesma.

3.2- Descrição das atividades desenvolvidas

3.2.1- Planeamento

Dado o que foi redigido anteriormente, o planeamento já estava instituído, a única parte onde pudemos ter alguma autonomia foi na construção das Unidades Didáticas (U.D.) e planos de aula. O tempo de lecionação das diversas Unidades Didáticas foi basicamente o mesmo, embora nalgumas o tempo tivesse sido prolongado ou retirado, devido a eventos. As unidades didáticas foram então: atletismo com dezoito tempos letivos, basquetebol com dezassete tempos, voleibol com quinze tempos, badmínton com dezoito, ginástica com quinze e por fim o andebol com dezoito tempos letivos. O tempo letivo e as modalidades a abordar não me cabe a mim decidir, apenas poderei ter de reajustar os momentos de avaliação devido à ocorrência de eventos ou feriados.

3.2.1.1- Plano anual

O plano anual foi o primeiro documento elaborado por mim no início deste ano letivo, pois é a base do processo de planeamento coerente e bem estruturado, servindo para organizar e orientar as diversas matérias e modalidades desportivas a abordar ao longo do ano.

É um documento bastante extenso, que serve como guião orientador da eficaz lecionação da matéria, onde constam: a caracterização da escola, caracterização do meio envolvente, caracterização da turma, roulement das instalações, calendarização das aulas entre outros.

A construção deste documento permitiu-me o fortalecimento da minha opinião sobre a Educação Física como sendo um processo racional, sistematizado e intencional a fim de ser acessível a todos os jovens que frequentam esta instituição escolar.

Depois de finalizado procedi à realização do documento seguinte que é a Unidade Didática.

3.2.1.2 - Unidade Didática

As Unidades Didáticas têm como principal objetivo dar algum tipo de suporte relativamente às modalidades, no que diz respeito ao que irá ser abordado por mim, na Escola dos 2º e 3º Ciclos do E. Básico, Infante D. Pedro – Buarcos, ao 8º ano de escolaridade, mais propriamente ao 8ºB.

De acordo com o que estas devem conter, procurei e pesquisei em conjunto com os meus colegas de estágio, em manuais das modalidades e em livros específicos das mesmas, colocando a informação que julgo necessária para a abordagem das diversas matérias, embora algumas matérias não correspondessem e alguns de nós tivessem gestos a abordar diferentes. Nas Unidades didáticas temos de ter em conta os recursos existentes na escola, os objetivos previstos a serem cumpridos designados pelo grupo disciplinar, as estratégias e progressões pedagógicas bem como a avaliação e os seus critérios.

Visto que é um documento de auxílio à atividade do Professor de Educação Física, está orientado e adaptado à realidade de cada turma, pois é através deste processo, que são definidos os objetivos a alcançar no final de cada uma.

Ao lecionar cada modalidade, pretendo acima de tudo conceder aos alunos um contacto bastante próximo com a mesma. Para além do aspeto quotidiano, relacionado com a saúde e qualidade de vida, defendo que, cada modalidade, assume um carácter de base, tanto no desenvolvimento das capacidades aeróbia e anaeróbia, como também no desenvolvimento de destrezas comuns como o lançar, alcançar, saltar, etc.

No final de cada Unidade Didática para além de pretender que os alunos cumpram os objetivos previstos, ambiciono da parte dos mesmos uma predisposição para a prática desta modalidade, tanto fora da escola em clubes e associações, como no seu tempo livre, pela cidade.

3.2.1.3- Plano de aula

Qualquer professor, antes de lecionar tem de planejar as aulas, neste planeamento deverão estar embutidos todos os aspetos relacionado ao que se pretende alcançar durante o curso dos estudos.

Um plano de aula é caracterizado pela descrição minuciosa de tudo o que o professor irá realizar durante a aula.

Segundo Mattos (1971), o plano de aula é uma “Previsão inteligente e bem calculada de todas as etapas do trabalho educacional que envolvem as atividades docentes e discentes, de modo a tornar o ensino seguro e eficiente”.

Visto isto, na sua realização tentei dar o meu melhor para que as aulas fossem motivantes e produtivas, a fim de não ter comportamentos de indisciplina e de criar um bom clima de ensino-aprendizagem para que este se faça da melhor maneira possível, contribuindo para a aprendizagem dos alunos.

Para isso, conversei com os meus colegas de estágio e com o meu orientador a fim de arranjar exercícios e maneiras de lecionar eficazes. Neste aspeto ainda pesquisei em manuais da disciplina e das diferentes modalidades.

4 - Atitude ético-profissional

Esta vertente do estágio aparece como uma dimensão paralela à intervenção pedagógica, pelo que, tem uma enorme importância no desenvolvimento do futuro docente.

“O agir do ser humano está condicionado a duas premissas consideradas básicas pela Ética: "o que é" o homem e "para que vive", logo toda capacitação científica ou técnica precisa estar em conexão com os princípios essenciais da Ética.” (Motta, 1984).

Alguns dos valores que devemos levar deste estágio são sem dúvida a ética profissional e o profissionalismo, pois são os pilares desta vertente, estando as suas

competências divididas por três níveis de desempenho: nível de aprendizagem; nível de proficiência e nível de mestria.

Desta forma, e relativamente a esta vertente, comprovei a minha capacidade de trabalhar individualmente e em grupo, cumprindo todos os compromissos dentro do prazo.

Associados à minha forma de “estar” e “ser” enquanto professor, cumpro os seguintes elementos: responsabilidade, assiduidade, pontualidade, capacidade de análise crítica, autocrítica e de iniciativa.

A estes elementos não posso deixar de juntar o compromisso ético com as aprendizagens dos alunos, a conduta pessoal adequada perante os professores, alunos, encarregados de educação e funcionários da escola, bem como, a minha disponibilidade para com os alunos e a escola.

5- Análise reflexiva da atividade desenvolvida

Como tinha referido anteriormente e de acordo com as minhas expectativas iniciais referentes a este ano letivo, pretendia sair deste estágio com um grau elevado de formação em várias vertentes.

Durante este ano letivo, apresentei-me sempre pontual e devidamente equipada, verificando atempadamente a disponibilidade do material e a sua segurança.

No fundo ao ser pontual e ter tudo pronto para iniciar a aula antes da mesma começar, pretendia que os alunos me respeitassem e chegassem a horas.

Segundo Piéron 1996, no ensino da atividade física existem quatro elementos que são fundamentais: o tempo de empenhamento motor, ou seja o tempo que o aluno passa em atividade, podendo com este diminuir casos de comportamentos de desvio e promovendo ao mesmo tempo uma elevada aprendizagem por parte dos alunos; o Feedback que consiste na reação do professor à prestação do aluno que a meu ver deve ser aplicado somente o necessário, de uma forma apropriada e no momento exato; o clima da atividade que deve ser bom, com uma atitude positiva por parte do professor e alunos a fim de criar uma forma agradável de aprender; a organização da atividade favorece a maximização do tempo de atividade individual do aluno, a

frequência de Feedbacks, o empenho cognitivo e ainda simplifica o controlo da aula e da disciplina.

Para finalizar estes elementos temos os indicadores da organização, destes fazem parte: a relação tempo de espera/tempo de prática e o nº/gravidade de comportamentos de desvio.

A meu ver, estes elementos são muito importantes embora o ensino da educação física não se resuma só a estes pontos.

5.1 – Intervenção Pedagógica

5.1.1- Instrução Inicial

Inicialmente uma das coisas que me fazia confusão era o facto de ter de realizar a instrução inicial, pois esta não podia ser muito extensa mas no entanto tinha de conter toda a informação necessária. Na primeira modalidade acabei por dar imensa informação no começo de cada aula, o que ao longo do tempo fui descobrindo que não era necessário e que era contraproducente, tendo optado por dar a mesma informação mas à medida que ia sendo precisa, fazendo apenas um resumo da aula anterior e dizendo o que iríamos abordar no início de cada aula.

Estas informações como o próprio nome indica eram iniciais e sempre efetuadas com os alunos dispostos de maneira a ouvirem, estando no meu campo de visão e sem nenhum elemento que comprometesse este processo, como sendo, por exemplo, o sol a bater nos olhos, o ruído de fundo, de pé na palhaçada, entre outros.

5.1.2- Feedback

Durante o estágio, o que foi, sem dúvida, mais complicado para mim foi a atribuição dos feedbacks, pois nas situações de jogos coletivos não sabia quando parar os

alunos ou a aula, e por vezes até mesmo o que lhes dizer para que melhorassem as suas prestações.

Como disse anteriormente o feedback é a reação do professor à prestação do aluno e este deve ser aplicado de uma forma apropriada e no momento exato. Dito isto, inicialmente o meu maior obstáculo foi a deteção de erros com os alunos em movimento, em jogo, devido à minha fraca qualidade de observação com muitos alunos, com diversas dificuldades, no mesmo exercício. Para mim tornou-se um impasse ter vários alunos em movimento e com algumas dificuldades pelo que deveria ter a capacidade de conseguir focar a minha atenção naqueles que achasse mais pertinente. A informação dada por mim por vezes também não era a mais correta para os alunos, pois como em tudo, o que um percebe e consegue reproduzir não é igual ao outro.

Ao longo do tempo fui conhecendo melhor as dificuldades dos meus alunos e dando mais feedbacks, tendo em conta a melhoria das suas prestações. À medida que eles iam aperfeiçoando a técnica tornava-se ainda mais fácil a atribuição de feedbacks, sobretudo, positivos a fim de melhorar e incentivar os mesmos.

Com este estágio aprendi a visualizar com algum pormenor os gestos técnicos e táticos utilizados pelos alunos em movimento, a fim de lhes conseguir dar alguma informação, bem como, tentar diversificar a informação dada para que seja de compreensão para todos os alunos com a mesma dificuldade.

5.1.3- Demonstração

Outro dos aspetos a ter em conta na intervenção pedagógica é a demonstração dos exercícios para uma melhor compreensão por parte dos alunos. Esta pode ser realizada por um aluno com a habilidade adequada ou pelo próprio professor, visto que, se for realizado pelo professor os alunos acabam por ter uma imagem motora mais correta e por valorizar mais o professor. Durante o meu estágio pedagógico foram poucos os momentos em que demonstrei, não só por não saber executar da forma mais correta alguns gestos técnicos, bem como, a meu ver, ser mais importante para os alunos observarem uma imagem e ao mesmo tempo ouvirem o meu comentário sobre a mesma.

5.1.4- Gestão

Graças ao meu trabalho feito no ano anterior, estando a lecionar nas AEC's (Atividades de Enriquecimento Curricular), já possuía alguma experiência no que diz respeito à gestão do tempo, mas apenas em aulas de quarenta e cinco minutos e para crianças de idades compreendidas entre seis a dez anos o que foi totalmente diferente do que tive de fazer para estes alunos.

Nas aulas de noventa minutos foi ligeiramente complicada, a gestão do tempo, no início, principalmente porque os alunos tinham alguma dificuldade e eu, ao querer colocar mais tempo num exercício pois esperava o sucesso dos alunos ou por planejar poucos ou demasiados exercícios para a mesma, não conseguia acertar no planeamento correto do plano de aula.

Neste momento, sinto-me capaz de planejar atempadamente e de forma correta o tempo de cada exercício, bem como, me justificar perante alguma alteração que tenha de realizar em plena aula, relativamente ao tempo de cada exercício.

Outro inconveniente que tive de ter em conta no planeamento e gestão de aula foi o facto de nas aulas de quarenta e cinco minutos os alunos virem de outra aula o que por vezes acontece virem atrasados, faltando ainda equipar, o que me prejudica a aula pois fico reduzida por vezes a uns míseros vinte e cinco minutos, pois têm de sair cinco minutos mais cedo para não se atrasarem para a aula seguinte.

A minha evolução neste sentido vê-se no desenvolvimento e organização de aulas mais dinâmicas, pois se não houverem muitos momentos de transição e organização a aula até consegue ser produtiva. Quero com isto dizer, que ao longo do tempo fui sendo capaz de elaborar estratégias simples e eficazes de transição e organização de exercícios, bem como criar situações de ajustamento rápido se tal fosse necessário. Tentei igualmente sensibilizar os alunos para que principalmente nas aulas de um tempo letivo se despachassem mais a equipar, ou que já viessem equipados, e ainda me deixassem explicar os exercícios e situações diferentes o mais rápido possível sem interrupções.

Ao longo deste ano letivo realizei algumas decisões de ajustamento no decorrer das aulas. Contudo, penso que a minha prestação melhorou significativamente, tendo

conseguido fazer os ajustes necessários aos exercícios para que estes cumprissem os objetivos a que estavam destinados, bem como, retirá-los se necessário devido à falta de tempo.

5.1.5- Clima

Quanto ao clima de aula, este foi positivo, contribuindo assim, para o bom funcionamento das mesmas e empenho dos alunos nas diversas tarefas.

A turma que lecionei tem de tudo: alunos empenhados, alunos desinteressados para algumas matérias e ainda alunos com extrema dificuldade.

No início vim a saber que a minha turma era uma turma complicada a nível de comportamento. Desde logo, optei por uma postura mais autoritária, algo que o meu orientador concordou e referiu que a meio poderia começar a dar o ar da minha graça e que com o tempo poderia ter de voltar ao início com a minha postura.

Notei que os alunos empenhados e com vontade de aprender não ficavam contentes com a conversa constante dos restantes a fim de me impedirem de explicar o exercício seguinte ou mesmo de iniciar a aula. Estes comportamentos foram controlados através de chamadas de atenção e castigos, passos importantes para um bom ambiente e clima de aula.

Outro ponto que contribuiu para o bom funcionamento das aulas e bom clima foi a minha exigência no cumprimento das regras de segurança por mim impostas no decorrer das mesmas.

5.1.6- Disciplina

Segundo Piéron, 1984, existem elementos que favorecem o controlo da turma. A maximização do tempo de atividade é sem dúvida um dos principais, mas deste também fazem parte: estabelecer regras de comportamento claras, utilizar técnicas para diminuir o comportamento inapropriado e promover a disciplina face aos objetivos gerais da educação.

No que diz respeito à maximização do tempo de atividade motora, o mesmo autor expõe cinco objetivos e ações para o professor a fim de concretizar. São estes:

1. Obter a atenção dos alunos, mantê-la e garantir que a atividade começou;
Querendo com isto dizer, que devemos instruir os alunos de que a partir desse momento estão em aula e que para tal devem estar concentrados e empenhados nas tarefas.

2. Controlar regularmente o nível de participação dos alunos nas atividades propostas;

Neste ponto afirma a necessidade de uma boa movimentação pelos espaços, da utilização de feedbacks e chamadas de atenção para que os alunos se mantenham em atividade.

3. Estimular regularmente a atividade dando feedbacks ao grupo e à turma;
Afim do desinteresse dos alunos, devemos ter a capacidade de atribuir feedbacks para que consigam progredir no exercício, motivando-os.

4. Encorajar, elogiar os alunos pelos esforços desenvolvidos;
Os feedbacks devem ser principalmente positivos para que os alunos se apercebam que estamos contentes com o seu esforço e empenho mas que ainda faltam limar algumas arestas.

5. Terminar os exercícios no tempo certo.

E por fim, temos o tempo da tarefa, que é um dos pontos mais importantes pois, se os alunos já sabem fazer a tarefa ou se a repetem vezes sem conta vão começar a deixá-la de lado, perturbando a aula.

De acordo com este último ponto e ainda de acordo com os tempos “mortos” durante a aula, que apontam para casos de comportamentos de desvio, Piéron 1984, defende que, “a grande maioria dos comportamentos desviantes surge quando os alunos não têm nada para fazer”

Neste ponto, concordando com o autor e sabendo à partida alguns dos pontos ou ações que não devem existir, optei por tentar não realizá-las são: períodos de espera longos, discursos longos por parte do professor, filas de espera para realizar o exercício, no trabalho de grupo quando um aluno após realizar duas ou três vezes o exercício pensa que já fez muito e torna-se espetador, jogos por eliminação, colocação do material, quando o número de alunos ultrapassa os que podem estar em jogo, quando o professor se ocupa muito do último participante e todos os outros já terminaram, os períodos de inatividade aumentam nomeadamente se a atividade

não interessa aos alunos, tarefas simples em que perdem rapidamente o interesse, ou muito difíceis e logo geradoras de muitos “casos” de comportamentos de desvio. Segundo outro autor, Siedentop 1983, “a maximização do tempo de atividade pode ser favorecida também pela utilização de técnicas que melhorem a eficácia da gestão”, como sendo: controlar a atividade inicial, começar a aula num momento determinado, utilizar um método rápido para fazer a chamada adequada a cada turma e por fim estabelecer um sinal para que os alunos tomem atenção.

Moreira, 1998, afirma que a disciplina deve entender-se como “pensamentos relativos à manutenção dos comportamentos apropriados e/ou supressão dos comportamentos inapropriados.”

Desta forma, posso concluir que a disciplina na sala de aula não depende só do professor, nem de todo o trabalho realizado por este antes da mesma, mas também do aluno e da sua predisposição para a prática.

5.1.7- Indisciplina

Em relação à indisciplina, Estrela, (1992), (p. 15), definiu a indisciplina escolar como aquela que decorre da “desordem proveniente da quebra das regras estabelecidas e/ou perturbação ao nível do funcionamento da aula”. Nesta perspetiva, os comportamentos de indisciplina só se verificam quando rompidas as regras de funcionamento da aula, pressupondo desde logo uma relação entre o funcionamento da aula, normas pedagógicas e comportamentos dos alunos.

No que diz respeito aos comportamentos, existem comportamentos apropriados e inapropriados.

O conceito de comportamento inapropriado será definido pela personalidade do professor a partir das regras gerais definidas no âmbito da escola e do grupo/disciplina, da formação dos objetivos e estratégias que utiliza e do grupo de alunos em questão (Brito, 1989)

Pegando nesta definição, Siedentop 1983, distingue dois tipos de comportamentos inapropriados: comportamentos fora da tarefa; e comportamentos de desvio.

O comportamento fora da tarefa, caracteriza-se pela falta de participação quando uma atividade é atribuída.

Ou ainda, segundo Brito (1989), são comportamentos de pequena gravidade que não perturbam seriamente a atividade da classe.

A meu ver, este comportamento é então um comportamento que por estar fora da organização e realização da tarefa/exercício não irá perturbar significativamente a aula.

Quanto aos comportamentos de desvio, Siedentop, 1983, diz que se caracterizam por qualquer comportamento que impeça a continuação da atividade por parte de um ou vários alunos. Este sim é um comportamento que prejudica e muito a aula, pois a sua existência tem de ter participação do professor a fim de acabar com o mesmo o que irá prejudicar a aula tendo por vezes de a parar.

Dado que para haver indisciplina, têm de existir causas para a mesma, apresento a seguir alguns autores e suas opiniões para a existência da mesma.

Estrela, 1986, refere como causas de indisciplina, a falta de maturidade e/ou uma forma de libertação de tensões e energia por parte dos alunos. Por sua vez, nos professores ela é apontada pela violência e o carácter desequilibrado da relação com os alunos, pelo abuso ou pela falta de autoridade e pela antipatia que muitos alunos criam por certos professores.

Alonso, (1988), afirma que o ambiente inadequado, o meio familiar deficitário, falta de maturidade, metodologia inadequada às necessidades e idades dos sujeitos são os principais motivos para a existência da indisciplina.

Na minha opinião, os comportamentos inapropriados estão associados a causas de natureza distinta, cabendo ao professor o papel indispensável de criar as melhores formas de auxiliar os alunos, de os orientar e integrar de acordo com as funções que a escola deve ter enquanto instituição.

Para finalizar, Sarmiento et al, 1993, afirma que “A disciplina na sala de aula não é somente o resultado da aplicação de técnicas de controlo disciplinar, mas também o resultado da organização e gestão da atividade, da competência com que é aplicada e também do clima relacional em vigor.”

Para prevenir os casos de indisciplina e para promover um maior desenvolvimento dos alunos e das suas aprendizagens, utilizei também o trabalho por grupos de nível e a utilização de alunos com maior dificuldade com alunos com menor dificuldade.

Os grupos de nível foi algo sugerido pelo meu orientador, pois aumentam a concentração dos alunos na tarefa e no fundo é um método mais fácil para nós, pois

ao colocar desafios nos alunos com maior capacidade, estes estão concentrados e podemos, por exemplo, concentrar-nos nos alunos com maior dificuldade.

Outro dos aspetos importantes neste método é o facto de todos os alunos poderem evoluir sem prejudicar o colega, ou seja, em cada grupo de nível, coloco alunos com o mesmo nível e a partir daí coloco desafios atingíveis para todos, melhorando as suas capacidades físicas e motoras.

Embora no planeamento nos dê um pouco mais de trabalho esta divisão, pois temos de arranjar tarefas iguais com objetivos diferentes ou até mesmo tarefas diferentes, vim a constatar que é um excelente método, pois os resultados das avaliações assim o comprovaram.

No que diz respeito à junção de um aluno menos bom, com um aluno muito bom, também foi produtivo, utilizei este método só no aquecimento e em jogos de cooperação, pois na restante aula, a meu ver, ia tornar-se contraproducente.

Este planeamento mais alargado e até mesmo a construção das Unidades Didáticas, bem como, a realização dos planos de aula, com exercícios distintos obrigou-me a consultar bibliografia, como sendo os manuais das modalidades correspondentes, livros na biblioteca da Faculdade e na biblioteca da Universidade de Coimbra, bem como, consulta de artigos publicados.

5.2- Avaliação

No que diz respeito à avaliação, o seu conceito encontra-se bem explicitado, no Despacho Normativo 30/20013, referindo-se a “um elemento integrante e regulador da prática educativa, permitindo uma recolha sistemática de informações que, uma vez analisadas, apoiam a tomada de decisões adequadas à promoção da qualidade das aprendizagens.” (Cap. I, art. 2).

A avaliação utiliza diferentes instrumentos de medição, interpreta os seus resultados e emite juízos de valor de acordo com a relação entre os resultados e os objetivos propostos.

As avaliações, diagnósticas e formativas, são de extrema importância pois, como afirma Méndez (2002), “avaliar somente no fim, seja por unidade de tempo ou de

conteúdo, é chegar tarde para assegurar a aprendizagem contínua e oportuna” (p. 18).

A avaliação diagnóstica, segundo Ribeiro, “pretende averiguar da posição do aluno face a novas aprendizagens que lhe vão ser propostas e a aprendizagens anteriores que servem de base àquelas, no sentido de obviar as dificuldades futuras e, em certos casos, de resolver situações presentes. (Ribeiro, 1997, p. 79)

A meu ver, esta avaliação inicial serve para diagnosticar o nível inicial dos alunos, prognosticar o nível de prestação que os alunos conseguirão atingir e estabelecer objetivos em função das suas capacidades, verificando as aprendizagens dos alunos sobre determinada matéria tendo sido realizada no início de cada unidade didática.

Relativamente à minha prestação tendo em conta o planeamento da folha de registo e aplicação na mesma na sala de aula, penso que na maior parte das modalidades escolhi o melhor método para o fazer, conseguindo avaliar as componentes principais e básicas de cada uma.

Como já referi, esta foi realizada no início de cada Unidade Didática., ou seja, no início de cada modalidade, com o intuito de verificar o nível dos alunos, sendo feito normalmente em desportos coletivos a avaliação de jogo reduzido e nos desportos individuais como no caso da ginástica alguns elementos de solo e de aparelhos por percurso ou estações.

Segundo Cortesão (2002), a avaliação formativa é “uma forma de avaliação em que a preocupação central reside em colher dados para reorientação do processo de ensino-aprendizagem”.

Neste sistema, a avaliação formativa assume um carácter contínuo do domínio sócio afetivo no qual será avaliado a higiene corporal, as atitudes e as faltas de material.

O feedback é um instrumento e uma estratégia de ensino que estará sempre presente nas aulas, muito embora possa apresentar formas distintas.

Este tipo de avaliação é considerado por mim muito importante, não só porque me coloca a par do nível dos alunos a meio da Unidade Didática., bem como, me possibilita a experimentação do melhor método para realizar a avaliação sumativa/final.

Com esta pude igualmente dar algum feedback aos meus alunos em prol da sua melhoria das capacidades e nota da disciplina.

Por fim temos a avaliação sumativa que assume um carácter de balanço final, pelo que é aplicada no fim de um período de formação ou depois de uma ou várias sequências de ensino.

Segundo Pinto (2004) esta avaliação surge como meio de verificação e controle da aprendizagem, assim, pode dizer-se que esta avaliação tem como principal função a certificação, pois tem como objetivo o reconhecimento de aprendizagens ou validação de competências, perante a sociedade, realizadas no final de um ciclo de estudo.

A avaliação sumativa foi feita nas últimas duas ou três aulas de cada Unidade Didática. Ela reúne dados relativos ao domínio psicomotor, sócio-afetivo e cognitivo. A avaliação no domínio psicomotor baseia-se na observação direta de exercícios preparados para o efeito, com um nível de exigências adequadas aos atuais conhecimentos dos alunos, inserindo-se os dados em fichas de registo específicas. Esta avaliação será efetuada através de uma escala de valores de um a cinco por disciplina.

Os conhecimentos abrangidos pelo domínio cognitivo, serão avaliados a partir da observação da avaliação dos colegas e o seu registo, exercício realizado nas últimas aulas da unidade didática em questão, ou através do questionamento direto aos alunos durante as mesmas.

As relações entre os alunos, o professor e a disciplina são também alvo de avaliação durante todas as aulas.

6- Participação em atividades com Unidade de Apoio Especializado para a Educação de Alunos com Perturbação do Espectro do Autismo (UEEA)

6.1- Integração destas crianças em turmas regulares

A escola básica onde fui inserida para estagiar é a única do concelho que tem a UEEA. Nesta, as crianças são acompanhadas por professores e funcionários competentes e ainda frequentam diversas atividades e terapias.

Nesta escola, estes alunos frequentam também aulas de turmas regulares a algumas disciplinas, Educação Física não é exceção.

O nosso orientador propôs então, que dois alunos com perturbação do espectro do autismo, frequentassem duas turmas, a sua aula, com o 9º B e ainda a aula lecionada pelo meu colega do núcleo, com os alunos do 7ºA.

O motivo pela integração destes nestas turmas específicas foi o facto de o orientador já os ter acompanhado e a sua turma ser uma turma que já está habituada e que os ajuda nas suas dificuldades e na sua integração.

Na turma do 7ºA, o motivo da escolha foi o facto de terem um elevado grau de bom comportamento, sendo por esse motivo uma turma especial.

No início a integração na turma do 7ºA foi complicada para os alunos pois não sabiam ao certo como lidar com a situação. Nos exercícios, como por exemplo, na estafeta, os grupos que tinham a presença destes alunos sabiam de antemão que iam perder, ou ficar para trás, algo que ao início não foi muito bem aceite pelos mesmos.

Após sensibilização e feedbacks dados pelo professor, deu-se finalmente a total aceitação pelos alunos da turma, algo que se veio a comprovar como sendo muito benéfico para estes alunos e ainda para os alunos da turma, terminando por compreender e ajudar os alunos com dificuldades.

Estes alunos não executaram todas as tarefas propostas para as aulas, pois algumas eram demasiado complexas para estes, sendo acompanhados, normalmente por um colega que não realizava a aula por algum motivo, em atividades mais apropriadas para estes.

Posso concluir então que a sua integração na turma do 7ºA correu bem, tendo um dos alunos evoluído bastante, acabando o ano a interagir e conversar com os colegas da turma. O outro aluno acabou por regredir face aos anos anteriores, não se sabendo o motivo pelo qual este facto ocorreu.

6.2- Educação física específica

Ao chegarmos à escola foi-nos proposto que os acompanhássemos na nossa área, Educação Física.

A proposta foi aceite de bom grado, pois iria ser uma experiência totalmente diferente para nós e uma excelente formação para o futuro.

As aulas de educação física são dadas três vezes por semana, durante quarenta e cinco minutos. À Segunda-feira é do meio-dia ao meio dia e quarenta e cinco, à terça-feira é no período da tarde, das duas e meia às três e um quarto e na quarta-feira é das dez e um quarto às onze horas. Sendo no total três tempos letivos semanais.

As tarefas e exercícios propostos por nós para eles realizarem têm por base os princípios básicos de manipulação de objetos, destrezas, coordenação, reconhecimento de objetos, agilidade entre outros.

Normalmente, temos três alunos em cada dia ou até mesmo quatro, sendo por isso necessária a nossa movimentação pela sala de aula a fim de os orientar para as tarefas, pois sem essa orientação não o fariam.

Quanto aos alunos, estes são todos diferentes e o seu temperamento é muito variado, por esse motivo, nos exercícios a realizar podem precisar de mais ou menos ajuda. Existem alunos com pouca ou nenhuma destreza e como se já não bastasse às vezes é impossível motivá-los para a tarefa.

No final de cada período fazemos um apanhado da evolução de cada aluno. No final do segundo a situação era a seguinte: Um dos alunos apresenta uma grande evolução a nível da coordenação motora e da compreensão, apesar de ainda ter algum receio de bolas e de alturas. Apresenta igualmente uma falta de concentração, precisando de orientação.

A aluna apresenta ainda alguma dependência da auxiliar mas já consegue executar exercícios por si própria. Manifesta falta de concentração, não consegue manter o foco atencional na tarefa que está a executar, distraíndo-se por vezes com o barulho da bola a bater no chão ou focando a sua atenção para algum exercício de seu agrado.

Um outro aluno apresenta muito pouca evolução, não conseguindo praticamente realizar um exercício sozinho, sem auxílio ou motivação extra.

Manifesta elevada falta de concentração, não consegue manter o foco atencional na tarefa que está a realizar.

O mesmo aluno não manifesta interesse nos exercícios desenvolvidos e fica alterado quando tentamos incentiva-lo na execução dos exercícios.

Para mim, o trabalho com estas crianças, foi bastante produtivo e interessante. Primeiro porque nunca tinha trabalhado com autistas, não sabia o que esperar, nem as reações das crianças à minha presença.

Em segundo lugar, foi interessante acompanhar toda a sua evolução ou mesmo regressão, no caso de um dos alunos e ainda a tentativa de os compreender e achar as melhores maneiras de os motivar e fazê-los sentirem-se bem.

Por fim, senti-me muito bem em acompanhar estas crianças e fiz tudo o que podia para que se divertissem e aprendessem ao mesmo tempo. Esta experiência marcou-me muito, por ser a primeira e por serem crianças tão especiais, contribuindo bastante para a minha formação e para o meu futuro como professora.

7- Aprofundamento do tema/problema

7.1- Introdução ao tema

O tema por mim escolhido foi a didática da Ginástica. Nesta posso enquadrar vários “temas/problemas”. De entre estes optei por falar sobre os baixos resultados da turma B do 8º ano, perante a avaliação diagnóstica uma vez que, a mesma unidade didática já tinha sido lecionada muitas vezes.

A escolha deste tema, adveio, da minha preocupação, ao ver a enorme dificuldade dos alunos perante a ginástica, tendo sido esta abordada em anos anteriores.

De seguida vou situar o meu problema face ao estágio, numerar e explicar as estratégias por mim desenvolvidas e ainda demonstrar a alteração significativa nos resultados dos alunos no final da abordagem nesta disciplina.

7.2- Contextualização do tema/problema

7.2.1- Avaliação Diagnóstica

A avaliação diagnóstica, segundo Ribeiro, “pretende averiguar da posição do aluno face a novas aprendizagens que lhe vão ser propostas e a aprendizagens anteriores que servem de base àquelas, no sentido de obviar as dificuldades futuras e, em certos casos, de resolver situações presentes. (Ribeiro, 1997, p. 79).

Visto isto, este tipo de avaliação fornece informações sobre as características e os conhecimentos que os alunos apresentam, para que dessa forma, se possa adequar o tipo de trabalho que será desenvolvido ao longo das aulas. (Abrantes *et al*, 2002).

Como tal, o seu registo tem de ter validade, medindo o que se pretende medir; fiabilidade, realizando uma medição com rigor e exatidão; objetividade, podendo ser avaliada por outros observadores que o resultado seria sempre igual e ainda praticabilidade, sendo aplicada de forma rápida e simples.

As informações recolhidas incidirão nos resultados da aprendizagem do aluno, ou seja, sobre as tarefas que o aluno é capaz de executar face aos objetivos estabelecidos.

Poder-se-á dizer que da avaliação diagnóstica resultam vários benefícios. Após estar determinada a posição do aluno, o professor pode:

- a) Proceder, antes do início de uma unidade, a ações de recuperação ou remediação do que não foi aprendido anteriormente e é agora condição necessária;
- b) Agrupar os alunos, de acordo com a proficiência que demonstraram nos resultados de provas diagnósticas, no sentido de responder a necessidades específicas de cada grupo;
- c) Identificar, durante o decorrer de uma unidade, causas do insucesso de alguns alunos.

7.2.2- Descrição do problema

A modalidade de ginástica é uma matéria onde os alunos apresentam níveis muito baixos e heterogéneos, pois é necessária alguma flexibilidade, força, mobilização articular e alguma coordenação, algo que se não for treinado desde pequenos, no oitavo ano torna-se muito mais complicado de adquirir.

Nesta escola foram implementadas duas unidades didáticas no quinto ano, de ginástica, para que os alunos adquirissem habilidades e perdessem alguns receios, pois é nesta idade que é mais fácil o trabalho da ginástica. O sexto, sétimo, oitavo e nono têm apenas uma Unidade Didática de Ginástica.

Visto isto, e sabendo de início que os meus alunos pertencem ao oitavo ano, a maioria devia ter mais habilidade para a modalidade, pois neste momento já não têm a mesma altura nem o mesmo peso, sendo difícil o trabalho.

Com a avaliação diagnóstica, verifiquei que os alunos tinham muita dificuldade ao nível da escapulo-umeral e que ainda tinham algum receio de estar numa posição invertida, bem como outras dificuldades.

O que me fez pensar, quais seriam as razões para este facto visto existir um grande espaço letivo para o trabalho da mesma.

O grupo de Educação física é constituído por professores com uma enorme experiência e com muitos anos de serviço, desta forma, as únicas razões nas quais posso pensar são: a forma como se dedicaram à modalidade, podendo ter optado por um menor rigor e por uma menor exigência, sendo ainda possível que este advinha do desinteresse dos próprios alunos, a baixa motivação para a prática da ginástica e ainda pelo desagrado perante a modalidade.

7.3- Opções Estratégicas

7.3.1- Metodologia de organização

Através da avaliação inicial consegui dividir a turma em três grupos de nível o que me facilita o trabalho e a aprendizagem dos alunos. Apesar disso, salvo algumas considerações, os objetivos foram iguais para todos os alunos.

Após averiguar a extrema dificuldade dos alunos perante os exercícios base na avaliação diagnóstica, decidi realizar um trabalho por percurso, pois seria mais fácil para mim, promover a segurança dos alunos e instruí-los de maneira a, mais tarde se poderem ajudar entre si.

Carrasco, (1982) propõe como metodologia de organização das sessões de trabalho os Percursos, Circuitos e minicircuitos onde, no fundamental, o trabalho dos alunos é repartido por uma série de “estações de trabalho” nas quais os alunos trabalham diferentes movimentos e/ou elementos gímnicos de forma global ou analítica conforme a sua complexidade, com um número de repetições que depende da forma de organização estabelecida.”

7.3.2- “Ajuda Pedagógica”

Neste tipo de aulas considera-se importante incluir as técnicas de ajuda mais comuns, para permitir uma participação mais ativa, por parte dos alunos, partilhando da responsabilidade de uma colaboração mais significativa com o professor na ajuda aos colegas, favorecendo aulas mais dinâmicas e participativas.

Segundo Battista (1980) “Ensinando as técnicas das ajudas e paradas o educador levará as crianças a refletir sobre as razões da sua eficácia. Isto contribui para um melhor conhecimento dos objetivos a atingir para realizar corretamente o exercício.”

Certos exercícios difíceis ou arrojados necessitam de ajuda constante. O professor não pode por si assegurar esta função, sobretudo no caso de um grupo numeroso de alunos, sendo necessário que estes participem nesta tarefa fundamental.

A meu ver a aceitação das ajudas pelos meus alunos não foi muito favorável, tendo eu, de estar sempre a frisar o mesmo e movimentando-me pelas estações que envolviam maior permanência de ajuda qualificada.

No âmbito das ajudas podemos incluir as “ajudas pedagógicas” podendo ser sobre a forma verbal, visual ou mecânica. A ajuda mecânica ou manual, na ginástica é considerada como um fator fundamental na aprendizagem desta modalidade uma vez que permite reduzir o risco transmitido e simultaneamente a confiança necessária para ultrapassá-lo.

Esta ajuda, na intervenção de uma ação motora (exercício) torna-se difícil devido à sua variabilidade e curto espaço de execução, pois tem tendência a modificar-se constantemente consoante varia o aluno (modelos de execução) ou ainda consoante a melhoria progressiva, na execução da própria tarefa.

Para uma melhor compreensão do movimento por parte dos alunos e para que tivessem uma imagem motora correta utilizei sempre um aluno com uma boa prestação no exercício, promovendo assim igualmente, a percepção das ajudas por parte dos alunos.

Ao ver que a turma é um pouco irrequieta e apresentando alguns comportamentos pontuais de desvio tive algum receio na leção da ginástica, visto ser uma modalidade de sala, onde é preciso muita concentração e responsabilidade perante as ajudas a realizar aos colegas.

Cedo me apercebi que teria de frisar as ajudas vezes sem conta e que teria de realizar aulas motivantes para não perder o controlo sobre a turma. Perante este aparato coloquei progressões motivantes e para as quais este tipo de alunos tem apetência, como sendo progressão para mortais e exercícios diversificados nos aparelhos.

7.3.3- Aquecimento

Outro dos impasses que tinha nesta modalidade era a falta de força, flexibilidade, coordenação e destreza geral.

Desta forma, e segundo indicação do meu orientador decidi realizar após o aquecimento geral, um aquecimento específico de preparação para a ginástica.

Segundo Battista (1980) uma aula de ginástica (...)”começa necessariamente por um aquecimento. Este compõe-se de exercícios de efeitos gerais sobre o organismo, visando aumentar o rendimento e prevenir acidentes musculares e articulares, muitas vezes consequentes de um trabalho a frio.”

O aquecimento geral consiste num conjunto de exercícios, ou de movimentos, que se realizam antes de executar uma atividade para promover a preparação das capacidades física, psíquicas e técnicas do praticante.

O aquecimento específico é um tipo de aquecimento ativo, caracterizado por movimentos que envolvem determinados músculos e articulações, com características analíticas e/ou sintéticas, podendo ser realizado com ou sem materiais. Neste tipo de aquecimento prepara-se o corpo para a atividades físicas mais intensas, seja numa aula de Educação Física, seja num treino desportivo.

O principal objetivo do aquecimento específico é aliar a preparação antecipada do organismo com o aperfeiçoamento de habilidades e de capacidades específicas e/ou técnicas da ginástica, ou seja, favorecer o pré-desempenho dos fundamentos técnicos específicos da modalidade em questão.

Os exercícios neste tipo de aquecimento envolvem movimentos técnicos similares àqueles que serão utilizados na atividade subsequente com caráter mais extenuante. A execução desses movimentos deverá ser de intensidade e/ou velocidade baixa, com amplitude do movimento em proporções pequenas e/ou medianas.

Quero com isto dizer, que o aquecimento específico deve ser realizado na parte inicial da aula e que este não deve ser muito curto mas também não muito longo, podendo ser reduzido nas aulas de quarenta e cinco minutos, visto que o tempo de aula normalmente é reduzido.

“Quando se repetia constantemente que a força constituía a condição fundamental para a realização de exercícios gímnicos, era imediatamente suposto que se devia proceder a um treino da força intensivo e geral, antes do início de qualquer exercício desta natureza. Ora isto não é de modo nenhum exato. Em primeiro lugar, ninguém é completamente «desprovido de força», e em segundo lugar, existem mesmo exercícios de ginástica simples destinada ao desenvolvimento progressivo da musculatura.” (Battista 1980)

No âmbito da ginástica na escola estou totalmente de acordo com o autor citado, pois sei que existem exercícios preparatórios para os elementos da aula, sem ser treino de força geral.

Alguns exemplos de tarefas que utilizei no aquecimento específico são: a exercitação do ataque à roda e ao pino, trabalho de força superior, rolamentos sobre si próprio, carrinho de mão, jogo dos galos, entre outros. Utilizei exercícios específicos e também com vertente lúdica e competitiva para que os alunos se mantivessem motivados.

7.3.4- Flexibilidade

Segundo Friedrich (1981), “Pode-se afirmar que em nenhuma outra modalidade desportiva a liberdade de movimentos nas articulações desempenha um papel tão importante como na ginástica desportiva. Esta flexibilidade apresenta também uma ligação com o fator da saúde, pois as funções do aparelho locomotor humano não dependem só da força muscular mas também da sua elasticidade e capacidade de realizar facilmente os movimentos.”

A “flexibilidade é a qualidade física que permite ao ginasta a realização, por um articulação ou conjunto de articulações e sob o controlo do sistema nervoso, de um movimento de amplitude máxima, por si mesmo ou sob influencia auxiliar de forças externas, dentro dos limites morfológicos, sem risco de provocar lesão.” (Furtado, 1994)

A modalidade de ginástica na escola não se compara nem um pouco à mesma modalidade num clube, na escola abordamos alguns elementos básicos de solo da mesma, bem como, alguns elementos de aparelhos, onde tentamos despertar o interesse dos alunos para esta prática. Como tal, e embora tenha trabalhado um pouco de flexibilidade, não achei que esta fosse tão necessária como a força e posição invertida para estes alunos.

7.4- Alterações e/ou resultados obtidos

Tendo em vista tudo o que fiz para que os alunos melhorassem as suas prestações nesta modalidade apresento em seguida os resultados comparativos da avaliação diagnóstica e da avaliação sumativa.

Na avaliação diagnóstica foram avaliados alguns elementos de solo e ainda o salto no mini trampolim, elementos base na ginástica.

Percentagem notas - Avaliação Diagnóstica

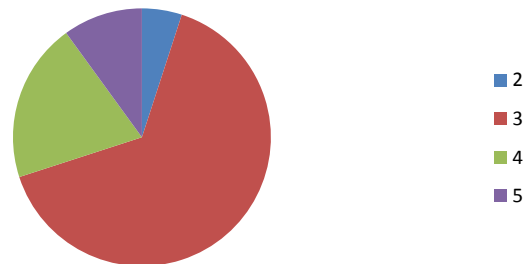


Figura 1: Resultados percentuais das notas da Avaliação Diagnóstica

Como se pode verificar no gráfico acima existe uma grande percentagem de alunos com nota três, mais de metade, sendo esta uma nota baixa. Alunos com nota quatro, sendo apenas um quarto dos alunos. Com a nota mais elevada, cinco, a percentagem ainda é menor. E por estranho que pareça, devido à prática de ginástica na escola que os alunos tiveram até agora, ainda existem alunos com nota dois.

A avaliação sumativa por sua vez já contou com a avaliação de mais elementos, incluindo: cinco elementos de solo, escolhidos pelos alunos; o salto ao eixo longitudinal no plinto; três saltos no mini trampolim – extensão, encarpado e pirueta e ainda na barra fixa, a volta à frente em apoio.

Percentagem notas - Avaliação Sumativa

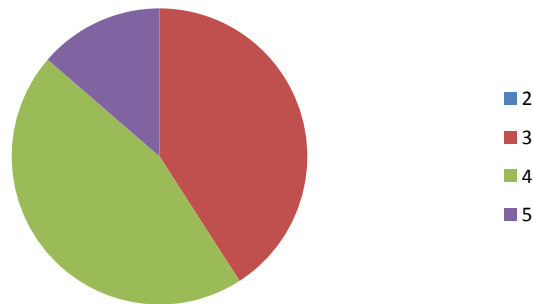


Figura 2: Resultados percentuais das notas da Avaliação Sumativa

No que diz respeito às notas finais os alunos, estes melhoraram significativamente comparativamente com a avaliação diagnóstica, pois já não existe aluno algum com nota inferior a três e os alunos com nota três ficaram reduzidos a menos de metade. Obtive sensivelmente metade da turma com nível quatro e ainda alguns alunos com a nota mais alta, apresentando cinco.

Estes resultados foram muito gratificantes para mim. Estes alunos no início da modalidade não mostravam qualquer interesse e no final chegaram até a dizer “oh professora já vai acabar? Agora que eu estava a gostar disto”, o que me deixa muito contente, porque sinto que o meu trabalho foi bem sucedido.

8- Conclusão

Este documento, foi realizado com o intuito de efetuar um apanhado de todo o trabalho do estágio, uma reflexão individual do mesmo e ainda um desenvolvimento de um tema/problema.

Estas são as ultimas palavras após uma descrição e reflexão de todo um trabalho de um ano, bem como, de uma mini apresentação de um tema/problema que vivi no estágio.

O Estágio Pedagógico foi sem dúvida uma dádiva na minha vida. Apesar de ter dado muito trabalho, ter passado muitas noites sem dormir, muitas horas a planear e reformular documentos, de me ter proporcionado um misto de sentimentos, valeu muito a pena.

Só neste momento, após este longo percurso, consigo perceber o quanto mudei e o quanto a minha perspetiva mudou desde o primeiro contato com os alunos, primeira aula.

Quanto à minha evolução, este teve um formato progressivo, sinto agora que estou mais preparada para lecionar numa escola e para enfrentar os desafios que me surjam na minha vida futura.

Relativamente ao meu desempenho como professora estagiária, este correspondeu ao que era pretendido. Os meus erros, inseguranças e dúvidas fizeram parte de um processo de crescimento ao longo deste ano letivo e que se vai prolongar para a vida, porque o ser humano nunca saberá tudo.

Sinto-me bem, pois sei que dei o meu melhor e que me esforcei dia após dia para a realização de um bom trabalho.

A quantidade de conhecimentos adquirida no estágio foi surpreendente, embora existam áreas nas quais terei de ter alguma formação extra. Iniciando esse percurso no planeamento, passando pela intervenção pedagógica e finalizando no processo de avaliação dos alunos.

Relativamente ao plano anual, descobri o quanto é fundamental e como se constrói para uma turma. As Unidades Didáticas foram outro passo do meu processo de aprendizagem, tendo por base muita pesquisa, penso que consegui fazer um bom trabalho.

Os planos de aula foram sem dúvida o que me deu mais trabalho e me fez perder horas de sono, pois embora fossem simples de fazer, eu decidia sempre complicar a minha tarefa procurando mais e mais exercícios.

Sabendo de antemão que a docência pressupõe um conjunto de parâmetros específicos como a instrução, gestão, clima/disciplina e decisões de ajustamento, pode deparar-me com este facto aquando da lecionação.

Não me posso esquecer de mencionar a elevada quantidade de conhecimentos que adquiri, aquando da observação das aulas do meu orientador e colegas do núcleo de estágio, bem como, das conversas tidas na reunião do núcleo.

O grupo de pessoas com quem trabalhei e com quem convivi no dia-a-dia foi determinante para o sucesso do meu trabalho. Neste ponto posso dizer que tive muita sorte por ter ao meu lado os meus colegas e amigos do núcleo de estágio, foram fundamentais para o meu êxito, nesta etapa da minha formação.

Quanto à minha participação na escola, adorei o trabalho como assessora, fui muito bem recebida pela Diretora de Turma, que sempre se mostrou disposta a ensinar e ajudar. O trabalho como assessora terminou na segunda semana do segundo período, contudo, em sinal de gratidão, decidi manter-me ao serviço até ao final do ano letivo. Com a Diretora de Turma, aprendi imensos valores a ter em conta no dia-a-dia, formas de abordar os problemas e de os comunicar aos Encarregados de Educação, entre outros.

9- Bibliografia

- Alonso V. (1988). La Disciplina Escolar en los Distintos Modelos Pedagógicos. Revista de Ciências de la Educacion, nº131, Julio-Septiembre
- Amado, J. (1991). A Indisciplina na sala de aula. Revista Portuguesa de Pedagogia. Ano XXV, 133-148.
- Battista, Eric, PORTES, Maurice (1980): *Ginástica Desportiva*. Editorial Compendium, Lisboa.
- Brito, M. (1989). A Indisciplina nas aulas de Educação Física: uma análise do problema. Horizonte, 5 (30), 208-212.
- Carrasco R. (1982). Ginástica de aparelhos a actividade do principiante, São Paulo: Editora Manole

- Cordeiro, H. Et all (2000). A Indisciplina na aula e na Educação Física – Estudo comparativo entre professores estagiários de educação Física e professores de Educação física com mais de sete anos de serviço. FCDEF – Universidade de Coimbra
- Cortesão, Luiza (2002). Formas de ensinar, formas de avaliar. Breve análise de práticas correntes de avaliação. In Paulo Abrantes (Org). Reorganização curricular do Ensino Básico. Avaliação das Aprendizagens. Das concepções às práticas. Lisboa: Ministério da Educação, pp.35-42.
- Despacho normativo nº 30/2001 – Capítulo 3 – Avaliação das aprendizagens dos alunos do ensino básico
- Estrela, M (1986). Une Étude sur l'Indiscipline en Classe. Dissertação de Lisboa: INIC.
- Estrela, M. (1992). Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na aula. Porto: Porto Editora
- Friedrich, E.; Nilson, M (1981). Ginástica Desportiva. Lisboa: Casa do livro editora, Lda.
- Furtado, C.J.M.L. (1994). A Flexibilidade na ginástica, Vila Real, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Lima, Teotónio (1989). *Educação Física e Desporto - temas e reflexões*. Lisboa: Livros Horizonte, Lda.
- Marques, A.; PRISTA, A.; JÚNIOR, A. (Editores). Educação Física: Contexto e Inovação (Vol: II). Actas do V congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa, 24/28 de Março 1997, Maputo. Edição:

Faculdade de Ciências de Educação Física e Desporto, Universidade Pedagógica Maputo, Moçambique.

- Mattos, L.A. de **Sumário de Didática Geral**. Rio de Janeiro: Aurora, 1971

- Méndez, Juan Manuel Alvarez. **Avaliar para Conhecer – Examinar para Excluir.**; trad. Magda Schwartzaupt Chaves. Porto Alegre, RS: Artmed Editora, 2002.

- Moreira, M (1998). Análise das decisões pré-interactivas e interactivas em professores expert e principiantes relativamente á dimensão instrução. Dissertação de Mestrado. FMH-UTL.

- Motta, N. (1984). *Ética e vida profissional*. Âmbito Cultural Edições, Rio de Janeiro.

- Piéron, M. (1984). Pedagogie des Activités Physiques et Sportives (Méthodologie et Didactique) Ed. Presses Univ. De Liège. Cap. 12 “ La Conduite de la Classe” pp. 169-194.

- Piéron, M. (1996). *Formação de professores: aquisição de técnicas de ensino e supervisão pedagógica*. Edições F.M.H., Lisboa.

- Pinto, J. (2004). *A avaliação em educação*. Escola Superior de Educação de Setúbal, (documento policopiado).

- Ribeiro, L. (1989). *Avaliação da Aprendizagem*. Texto Editora, Lisboa.

- Ribeiro, L. C. (1997). *Avaliação da aprendizagem* (6ª ed.). Lisboa: Texto Editora.

- Sarmiento, P., Veiga, A., Rosado, A., Rodrigues, J., & Ferreira, V. (1993). Pedagogia do Desporto: instrumentos de observação sistemática da Educação Física e Desporto (2ª edição). Lisboa: Edições FMH
- Siedentop, D.(1983). Developing Teaching Skills in Physical Education (2ª ed.). Palo Alto: Mayfield Publishing Company.